

QUE CORPO É ESSE? ANALISANDO AS NARRATIVAS E AS PERFORMANCES MIDIÁTICAS FABRICADAS EM TORNO DE JOJO TODYNHO

*WHAT BODY IS THIS? ANALYZING THE NARRATIVES AND MEDIA
PERFORMANCES MANUFACTURED AROUND JOJO TODYNHO*

*¿QUÉ CUERPO ES ESTE? ANALIZANDO LAS NARRATIVAS Y PERFORMANCES
MEDIÁTICAS FABRICADAS EN TORNO A JOJO TODYNHO*

FERNANDA CARRERA¹
FLÁVIA FONTES²

Submissão: 30/08/2023

Aprovação: 03/12/2023

Publicação: 22/12/2023

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF. Líder do LIDD – Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade – LIDD/UFRJ. Bolsista Produtividade em Pesquisa Nível 2 – CNPq. Doutora em Comunicação pelo PPGCOM/UFF.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5024-0860> – E-mail: fernanda.carrera@eco.ufrj.br

² Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Estácio e em Produção Cultural pela UFF.

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-1060-6248> – E-mail: fontes_flavia@yahoo.com

RESUMO

Sob a luz da percepção em compreender performance enquanto método de pesquisa, como proposto por Amaral, Soares e Polivanov (2018), esse trabalho foi influenciado a entender como essa dinâmica poderia ser aplicada as narrativas performáticas relacionadas a cantora de funk, Jordana Gleise de Jesus Menezes, mais conhecida como Jojo Todynho. Como proposto pelos autores, foram utilizados dois percursos metodológicos: 1) Um que dê conta de entender as narrativas em torno de atos performáticos arquivados, recuperando-se para isso matérias da indústria de entretenimento que apresentam uma narrativa da cantora de forma pejorativa e animalésca; 2) Outro que nos permita evocar performance como política identitária diante de políticas de visibilidade (o que se registra e com quais propósitos). Para isso, pinçamos das redes sociais da cantora (Instagram) uma participação na Semana de Alta Costura em Paris. “(...) se eventos são performances, poderíamos

debater o que se está performatizando nestes espaços” (AMARAL; SOARES E POLIVANOV, 2018). Ainda que os autores estejam se referindo a eventos musicais, pareceu interessante buscar na moda esse comparativo à medida que foi a segunda vez que Jordana esteve naquele espaço. Ainda que mude os atores (GOFFMAN, 1975), o roteiro performático não é novidade para ela. E pelo viés da Moda conseguimos tensionar outros temas como estética e corporeidade.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Mulheres Negras. Corporeidade. Autenticidade

ABSTRACT

In the light of the perception of understanding performance as a research method, as proposed by Amaral, Soares e Polivanov (2018), this work was influenced to understand how this dynamic could be applied to the performative narratives related to the funk singer, Jordana Gleise de Jesus Menezes, better known as Jojo Todynho. As proposed by the authors, two methodological approaches were used: 1) One that allows us to understand the narratives surrounding archived performance acts, recovering materials from the entertainment industry that present the singer's narrative in a pejorative and animalistic way; 2) Another that allows us to evoke performance as identity politics in the face of visibility policies (what is recorded and for what purposes). To do this, we gathered from the singer's social networks (Instagram) a participation in Haute Couture Week in Paris. “(...) if events are performances, we could debate what is being performed in these spaces” (AMARAL; SOARES E POLIVANOV, 2018). Even though the authors are referring to musical events, it seemed interesting to look for this comparison in fashion as it was Jordana's second time in that space. Even though the actors change (GOFFMAN, 1975), the performance script is not new to her. And from a Fashion perspective, we were able to bring tension to other themes such as aesthetics and corporeality.

KEYWORDS: Performance. Black Women. Corporeality. Authenticity

RESUMEN

A la luz de la percepción de entender la performance como método de investigación, propuesta por Amaral, Soares e Polivanov (2018), este trabajo fue influenciado para comprender cómo esta dinámica podría aplicarse a las narrativas performativas relacionadas con la cantante de funk Jordana Gleise. de Jesús Menezes, más conocido como Jojo Todynho. Según lo propuesto por los autores, se utilizaron dos enfoques metodológicos: 1) Uno que permite comprender las narrativas que rodean los actos escénicos archivados, recuperando materiales de la industria del entretenimiento que presentan la narrativa del cantante de manera peyorativa y animalista; 2) Otro que permite evocar la performance como política identitaria frente a las políticas de visibilidad (qué se registra y con qué fines). Para ello, recogimos desde las redes sociales de la cantante (Instagram) una participación en la Semana de la Alta Costura de París. “(...) si los eventos son performances, podríamos debatir qué se realiza en estos espacios” (AMARAL; SOARES E POLIVANOV, 2018). Si bien los autores se refieren a eventos musicales, nos pareció interesante buscar esta comparación en la moda ya que era la segunda vez que Jordana estaba en ese espacio.

Aunque los actores cambian (GOFFMAN, 1975), el guión de la actuación no es nuevo para ella. Y desde la perspectiva de la Moda, pudimos tensionar otros temas como la estética y la corporalidad.

PALABRAS CLAVE: Actuación. Mujeres Negras. Corporeidad. Autenticidad

INTRODUÇÃO

“Moda não é algo que existe apenas em vestidos. A moda está no céu, na rua, moda tem a ver com ideias, a forma como vivemos, o que está acontecendo e o que vai chegar”¹. Essa é a legenda de uma das postagens no Instagram que a cantora Jojo Todynho escreveu durante sua passagem por Paris em julho de 2022. A cantora estava na França participando, pela segunda vez consecutiva, da Semana da Alta Costura. O convite para assistir ao desfile veio de uma das mais tradicionais grifes internacionais, a *Jean Paul Gaultier*. Desde 2021, a cantora se tornou embaixadora da marca no Brasil sendo escolhida pelo próprio estilista (que dá o nome a grife).

Em momentos luxuosos e descontraídos, a cantora compartilhou com seus seguidores nas redes sociais, as muitas aventuras e experiências pela capital francesa. Na primeira fila do evento, dividindo o espaço com celebridades como o jogador brasileiro de futebol Neymar Junior e a empresária e *influencer* digital Kim Kardashian, Jojo registrou em uma postagem no seu perfil do Instagram, com todo seu humor e irreverência, uma realidade que aquela menina de Bangu pensou que nunca poderia realizar – “(...) é com o coração transbordando de felicidade que eu digo a vocês que agora o “BANGU VIROU” além de ser um bordão e se torna também um “GRITO DE LIBERDADE E POSSIBILIDADE”.²

Observa-se que a cantora carioca articula autenticidade através de suas falas e atitudes. Além é claro, nas suas músicas. Através delas, Jojo enuncia valores femininos com autoestima sob uma perspectiva de valorização e aceitação de si. Neste trabalho, entendemos autenticidade como “história partilhada, construída pelo ator e negociada com os outros” (SÁ; POLIVANOV, 2012, p.581). As músicas *Acordei gostosa* (2019) e *Devo tá na moda* (2020) são exemplos dessa lógica

¹ Legenda retirada do perfil do Instagram @jojotodynho acessado em 30 de agosto de 2022.

² Legenda retirada do perfil do Instagram @jojotodynho acessada dia 30 de agosto de 2022.

que acolhe o enaltecimento estético fora de um padrão e que acabaram ajudando a cantora a se destacar dentro do segmento de entretenimento. Com isso, se possibilitou que outros estigmas fossem rompidos e a cantora pôde construir presença em outros espaços subvertendo um cenário de invisibilidade. Temos como pontos principais: a vitória no reality show *A fazenda* em 2020 (TV Record), apresentadora do programa *Jojo nove e meia* em 2021 (Multishow/Globosat) e participação no quadro *Dança dos famosos* em 2022 (Rede Globo).

No entanto, ainda que se perceba o desenvolvimento de uma trajetória de visibilidade midiática e popularidade, o que chama atenção muitas vezes quando se fala da cantora é a sua apresentação, por parte de alguns meios midiáticos, retratada de forma pejorativa e ridicularizada. Não são poucos os *memes*, matérias ou vídeos, onde Jordana tem sua imagem associada a narrativas de descontrole e agressividade. Podemos observar esse exemplo na matéria a seguir:



Figura 01 – *Print* de matéria sobre Jojo.

Fonte: Autora, a partir de matéria disponível no Portal Área Vip (ARIOLI, 2020).

Esse tipo de descrição, empregada nesse conteúdo midiático, demarca práticas coloniais que ajudaram, ao longo da história, a produzir um discurso de preterimento, ofensas e

desvalorização a esses corpos. A intelectual bell hooks³ nos lembra que: “(...) criar uma mulher negra selvagem era perfeitamente compatível com as representações da sexualidade da mulher negra que prevaleciam na sociedade supremacista branca.” (HOOKS, 2019, p.139).

Somados a isso, nota-se também um tom exótico e animalizado direcionados principalmente ao corpo da cantora. Neste ponto é preciso parar e demarcar uma distinção. Ao longo do trabalho, teremos uma separação entre corpo físico versus corpo encenado (onde não interessa seu biotipo corporal). Essa identificação se faz importante à medida que o corpo físico irá acionar um lugar de objetificação que será descrito ao longo deste artigo. Já o corpo encenado será acionado como conotação simbólica que irá resgatar o contexto de Goffman (1975) no que diz respeito à teatralidade.

Dito isso, chama a atenção como o corpo físico da cantora é frequentemente atacado e pode ser observado como ponto central dessa disputa de narrativa. A noção e demarcação de diferença são frequentemente acionadas por conta desse corpo físico. Ao longo da história, mulheres negras foram representadas por um viés de hipersexualização e objetificação. Nota-se com isso, uma representação estigmatizada e condicionada por estereótipos onde esse grupo é colocado à margem da sociedade e reduzido a objetos sexuais. Recorremos mais uma vez a hooks, onde ela menciona que:

indesejável no sentido convencional, que define beleza e a sexualidade como atraentes apenas enquanto idealizadas e inatingíveis, o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante (HOOKS, 2019, p. 136)

Jordana é uma mulher de baixa estatura, negra e gorda. Nesta descrição, que foge totalmente de um ponto de vista padrão global, também se observa como esses atravessamentos acionam uma importante perspectiva política, visto que:

A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade, conforme pensam Maria Lugones e Avtar Brah (AKOTIRENE, 2021, p. 30)

³ A autora opta por ter seu nome grafado de forma estilizada, todo com letras minúsculas – bell hooks. No corpo do texto, seu nome será referenciado dessa maneira. Nas referências e citações, seguiremos as normas da ABNT, com seu sobrenome grafado em caixa alta/maiúsculo (HOOKS).

Somado a esses argumentos, ainda se sobrepõe um modelo ocidental de pensamento que vai construir em volta desse corpo várias narrativas de desigualdade. Acionamos aqui a escritora Oyèrónké Oyewùmí que tem uma inscrição decolonial no campo dos estudos de gênero. Ela menciona que:

O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais. O gênero masculino é o gênero privilegiado (OYEWÙMÍ, 2021, p. 130).

Justamente por conta dessas perspectivas, a imagem de Jordana se revela como um lugar de colisão de estruturas de opressão. A função política desse corpo se torna evidente e se materializa antes de todo trabalho artístico da cantora. Nota-se com isso, o quanto Jojo quebra com a expectativa de argumentos coloniais dirigidos a esse corpo negro. Principalmente se formos avaliar o papel de trabalhadoras de mulheres negras na escravidão. A intelectual Angela Davis menciona que “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero” (DAVIS, 2016, p. 17).

Com isso, é interessante notar que a cantora parece invocar uma dinâmica de insubordinação na sua auto produção narrativa sobre seu corpo e sua negritude. Esse conceito de insubordinação trabalhado por bell hooks propõe que:

(...) apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhares (HOOKS, 2019, p. 39).

A autora enxerga que a atitude de amar sua negritude como fórmula de descolonização do olhar é, sobretudo, uma forma de atacar as figuras estereotipadas forjadas para a população negra. Desse modo, falar sobre feminilidade se torna instigante e de total importância nesse trabalho. Por não ser enquadrada no padrão estético imposto na sociedade contemporânea, a imagem da cantora

desperta por parte da mídia uma lógica de antítese de beleza gestando uma representação caricata e violenta.

Desta forma, este artigo⁴ tem por objetivo entender as possibilidades interpretativas no que diz respeito às narrativas performáticas quando analisamos a imagem produzida pela própria cantora em suas redes. Como ela se coloca? O que quer comunicar? O que ela quer performar em sua rede social, especificamente, nesse evento de moda versus a retórica produzida pelos meios midiáticos em torno da cantora? Quais os sentidos são acionados através dessas matérias? Vale ressaltar aqui que essas matérias não correspondem ao mesmo evento de moda, mas elas recuperam narrativas adotadas e tensionam o agenciamento estético que Jojo costuma receber.

A partir dessas controvérsias, será possível avaliarmos questões como corporeidade e performance. E como isso se relaciona diretamente com os seus ideais de autenticidade, principalmente se formos observar seu estilo de vida. É importante ressaltar que utilizaremos *estilos de vida* no sentido que Sá e Polivanov (2012) nos trazem:

um processo mais complexo que são as escolhas efetivadas cotidianamente pelos sujeitos em sociedades modernas que acabam por construir rotinas e, mais do que isso, acabam por compor quem são esses sujeitos (SÁ, POLIVANOV; 2012; p. 577)

Por fim, no âmbito da disputa estética é possível vislumbrar, se esse corpo físico, alcança valor simbólico e admiração, assim como, se é permitido a ele performar luxo e beleza.

PERFORMANCES DE AUTENTICIDADE

Nascida e criada no bairro de Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, Jordana é oriunda de uma família humilde e foi criada pela avó paterna. Na infância participava do coral da Igreja e, já na adolescência, trabalhou de telefonista, faxineira, camelô, vendedora de picolé, entre outras coisas para colaborar no sustento do lar, segundo informações disponíveis na página da cantora na Wikipedia (2022).

⁴ Este trabalho é resultado de pesquisa com apoio da FAPERJ.

A cantora, que tem como gênero musical de trabalho o *funk*, iniciou sua trajetória artística pela internet publicando vídeos musicais no Facebook e no seu canal do YouTube. Em 2017, começou a ser conhecida pelo grande público através do hit *Que tiro foi esse?*. A partir desse ano, tivemos a oportunidade de acompanhar o surgimento de um trabalho artístico despojado e irreverente e com letras musicais que transmitem personalidade e autoconfiança. Desobedecendo a essa conduta rígida de feminilidade, a cantora confronta padrões estéticos e reafirma sua autoestima através de uma frase incansavelmente repetida: “Meu padrão sou eu”!

Culturalmente, no que se refere às mulheres negras, as representações surgem atreladas à sexualidade, onde os corpos servem a exaltação e objetificação. Nesta proporção, temos, como exemplo, a aura exótica que se atribuiu as passistas de carnaval, que eram em sua maioria, mulheres negras. Nesse contexto, as mulatas foram eleitas como musas e se tornaram representantes da identidade nacional. No artigo *Fora do Compasso: estereótipos sobre as passistas do Rio de Janeiro dos anos 1980*, a autora Claudielle Pavão da Silva (2021), vai nos dizer que:

Os estereótipos ligados à performance e à disponibilidade sexual não afetam exclusivamente as mulheres negras, mas possuem especificidades de gênero e raça nas formas em que são acionados pela imprensa. Isso nos impõe um alerta a respeito das complexidades presentes nas festas de carnaval e nas encenações das mulatas, convidando-nos a refletir a respeito do direito ao corpo e à sexualidade, assim como dos estereótipos que enclausuram as mulheres negras a estarem submetidas a determinados perfis, desumanizando-as (SILVA, 2021).

Neste contexto de desumanização, podemos perceber que esses corpos ficam reduzidos a objeto, e que são observados como algo anormal e diferente. E que dessa forma, o corpo será identificado como marcador e lugar de significação da diferença. Historicamente, a mulher negra internaliza a representação do processo de apagamento e subordinação. A intelectual Lélia Gonzalez vai dizer que “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (GONZALEZ, 1988, p.64).

Será, principalmente através do corpo, que mulheres negras terão a manutenção dessa violência de opressão de gênero sendo legitimada pelo uso de estereótipos. Silva (2021) ainda

salienta que ao compreendermos essas disputas narrativas sobre o corpo de mulheres negras é possível observar os rastros históricos de questões ligadas à escravidão, ao pós-abolição e a história do racismo no Brasil. Nessa mão, a matéria a seguir nos serve como exemplo:

Jojo Todynho atola fio-dental, vira de costas e rebola com parte íntima gigante explodindo pra fora



Figura 2 – *Print* de matéria sobre Jojo.

Fonte: Autora, a partir de matéria disponível no Portal TV Foco (AMARAL, 2022)

A esse respeito, temos a fala da historiadora Giovana Xavier, sobre como a construção e manutenção de estereótipos sobre corpos e comportamentos de mulheres negras, foi o “resultado do esforço em demonstrar a confluência entre traços físicos ‘anormais’ e o caráter ‘duvidoso’ como a principal marca da mulher ‘de cor’ e do seu corpo” (XAVIER apud SILVA, 2021).

Assim, vai se difundido e se forjando essa forma animalesca de se representar essas mulheres e tendo a objetificação como ponto central para estipular a diferença. Apoiado ainda junto a esse conceito de estereótipo, temos o fetichismo como marca nas narrativas relacionadas às mulheres negras. No caso da cantora, o interesse sexual pelo seu bumbum, encontrado em muitas matérias, pode ser interpretado como mais uma forma de reduzir a representação da artista. Como por exemplo na seguinte manchete:

De body fio dental e meia arrastão rasgada, Jojo Todynho exhibe bumbum gigante e impressiona

Jojo Todynho esbanja bumbum gigante em look de oncinha fio dental

CARAS Digital Publicado em 14/05/2020, às 20h26 - Atualizado em 15/05/2020, às 17h02



Figura 03 – *Print* de matéria sobre Jojo. Fonte: Autora, a partir de matéria disponível no Portal Caras (DE BODY..., 2020).

A autora Janaína Damasceno (2008) vai nos lembrar que:

A substituição da parte pelo todo é o efeito de uma prática de representação semelhante ao estereótipo: o fetichismo. Ele é marcado pela intervenção da fantasia na representação do que é essencial à noção de pessoa: sua integridade e autenticidade” (DAMASCENO, 2008, p. 04).

Com os exemplos expostos nesse artigo, identificamos como a figura de Jojo Todynho recebe, por parte de alguns veículos de comunicação, um tratamento violento e desumano que centraliza no corpo físico da cantora o principal ponto de ataque. A partir desses discursos de desvalorização, se atrela a esse corpo um esvaziamento de suas potencialidades fazendo com que ele seja sempre relacionado a um imaginário exótico e grotesco.

Dessa forma, quando a cantora marca presença em um evento internacional da alta costura, performando luxo e riqueza, ela fatalmente contrapõe e (re)localiza esse corpo físico em um lugar não esperado, criando assim toda uma narrativa possível e inclusiva e trazendo uma possibilidade de aceitação de valores sociais de sua pessoa pública com sua audiência. Paralelamente, ao escolher

expor sua vida mobilizando uma dinâmica de insubordinação como nos trouxe bell hooks (2019), ainda que não se encaixe ao padrão estético vigente, a cantora acaba por acionar novos sentidos de autenticidade na composição de sua persona midiática. Neste contexto, mesmo sendo visto como desviante, esse corpo também acaba, intencionalmente ou não, sendo identificado por um viés político, pois torna-se referência de subversão, protagonismo e libertação. Além do mais, ele oferece também acolhimento e representatividade, principalmente para o grupo de mulheres gordas, periféricas, negras e ativistas de *body positive*.

ESSE CORPO PODE PERFORMAR LUXO?

Um dos episódios inusitados que Jojo passou em Paris e compartilhou com os seus seguidores foi a falta de internet. Já no desfile, em um vídeo publicado na função *stories* do Instagram, ela revelou que pediu ajuda ao jogador de futebol Neymar para *rotear* os dados do celular para ela. Em uma outra postagem, com um texto agradecendo a Deus, destacando sua origem humilde e revelando que ela era a única mulher negra a sentar na primeira fila do desfile, a cantora publicou uma foto com o jogador brasileiro e o prestigiado estilista negro Oliver Rousteing da Balmain (grife internacional).



Figura 04 - *Print* de da rede social de Jojo. Fonte: Autora, a partir das redes sociais da cantora⁵

Em suas redes sociais, Jojo não associa seu corpo a limitações, sejam elas físicas ou sociais. É possível perceber o quanto se busca oferecer a esse corpo um lugar de aceitação e naturalização. Ao percorrer distintos espaços sociais, ela acaba por inserir novas relações de sociabilidade, consumo e vivências para esses corpos.

Neste presente trabalho, temos a moda como o local onde essas disputas de narrativas estão sendo tensionadas. Há toda uma simbologia em torno desse mercado, principalmente pelo alto valor agregado que ele movimenta. Qualidade, excelência e bom gosto são alguns dos sentidos aplicados a esse cenário. Vale ressaltar que o evento de alta costura que Jojo estava presente representa o segmento mais luxuoso e exclusivo do mundo *fashion*. De certo, não é um fato rotineiro que pessoas negras tenham suas imagens associadas dentro de uma perspectiva de luxo e

⁵ Foto retirada do perfil do Instagram @jojotodynho acessada dia 30 de agosto de 2022

riqueza. A essa população, historicamente, se agregam outros tipos de sentidos, como por exemplo, exclusão, escassez e violência. Partindo de um senso comum onde não é esperado que um corpo preto e gordo ocupe esse posto de opulência, é como se tivéssemos um ruído, um desencaixe entre a narrativa performática acionada pela cantora versus a que foi frequentemente instrumentalizada pelos meios midiáticos.

Neste ponto, ainda cabe refletir sobre como a presença da cantora naquele evento também pode ser analisada como uma contraestratégia no que diz respeito a subverter a representação de uma mulher negra. Pensando, principalmente, que a imagem dela está carregando novas conotações sobre esses elementos de gênero, raça e classe. Na prática, a imagem de Jojo acaba por contestar um regime racializado de representação, pensando no quanto ela está atrelando outras significações para esse corpo negro. Se formos pensar dentro do aspecto socioeconômico, há um significativo rompimento de fronteira, entendendo, principalmente, um sistema de opressão racista que impede que esse corpo adquira ascensão em diferentes áreas. Nesta inscrição, embora a presença dela possa ser questionada por corroborar com espaços e performances de opressão sobre seu próprio corpo, aquela ocupação rompe com o regime racializado de representação e, performando luxo, contesta os estereótipos atribuídos a sua subjetividade.

Pensando mais um pouco sobre a explicação desse descompasso, ainda podemos recorrer a um imaginário coletivo onde se entende que esse corpo encenado não possui capital cultural (BOURDIEU, 1989) para performar esse tipo de valor simbólico. Fazendo com que sua aparição naquele espaço não seja prestigiada e colocada em questionamento. Paralelo a isso, temos a moda como uma indústria demasiadamente excludente, que define padrões inalcançáveis e que tem um histórico em desconsiderar a diversidade em modos de ser e estar no mundo. Consequentemente, nesse tipo de meio vamos observar a produção de discursos em torno do mito de beleza e que por vezes não será alcançado por todos os públicos. Simbolicamente, pessoas pretas ainda passam por processos estruturais de invisibilidade de suas representações. Nesse contexto, hooks (2019) vai nos dizer que:

É mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras. (HOOKS, 2019, p. 34)

Desse modo, a existência da cantora nesse tipo de ambiente restaura uma memória imagética fragmentada. Neste sentido, mais uma vez alinhado ao pensamento de insubordinação levantado por bell hooks (2019), Jordana se torna um potencial elemento de denúncia e resistência, em especial para mulheres. Através da sua arte, das suas vivências e da sua condição de visibilidade, ela forja novas possibilidades de representação para mulheres, especialmente negras e gordas. Os anseios e as preocupações desse grupo social encontram em Jojo Todynho uma voz, que rompe a cena pública levando consigo essas vozes silenciadas. Por fim, nessa interseccionalidade (AKOTIRENE, 2021) entre raça, gênero e classe, a artista apresenta o corpo negro, tanto físico quanto encenado, numa perspectiva libertária e de novas configurações, atuando assim de forma a desconstruir essa narrativa reduzida que se produziu em cima da sua persona midiática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar performance, de forma metodológica, dentro do campo midiático, e tensionar contextos estéticos, culturais, raciais e geográficos, possibilitou uma ampliação de entendimento e significação para esse trabalho. Principalmente, tendo o corpo como ponto central dessas elaborações. Uma análise complexa onde tivemos um contraponto entre um lado que ignora a ação do corpo como elemento agente e abrevia suas potencialidades em troca de matérias grotescas versus a auto afirmação de um corpo que reorganiza as relações de poder e subverte sua visibilidade. Essa visão interessa justamente porque forja fluxos possíveis de identificação de gênero e raça, em lugar de identidades sociais atrasadas e arcaicas. Através da análise de dados (material de arquivo) foi possível identificar o desencaixe da produção narrativa performática em torno da cantoram, focando, principalmente, no que diz respeito à corporeidade. Somado a isso, corroboro com o pensamento de estratégia, descrito por Patricia Hill Collins, que sugere: “se

contraponham as imagens de controle às práticas do cotidiano negro, ampliando assim o entendimento de como as imagens de controle de mulheres negras são agenciadas por essas em seu dia a dia” (COLLINS apud DAMASCENO, 2008, p.06). Neste sentido, se reafirma positivamente uma performance da cantora mediada pelo corpo e uma representação autêntica.

É importante também mencionar que a imagem de Jojo Todynho também explora um discurso imagético de valorização da negritude, visto que se promove e celebra uma representação a partir de um ponto de vista afrocentrado sem atravessamento de dor e violência. Com isso, analisamos que sua presença negra é elaborada de forma propositiva e com isso se oferece um entendimento crítico no que diz respeito à negritude em seu aspecto multidisciplinar e, paralelamente, podendo se desdobrar na produção de questões sobre estética, performance e pertencimento. Essa discussão envolve também o direito de se olhar, de se permitir ser o produtor de sua própria história longe de uma projeção onde esse sujeito negro seja colocado em uma condição humana passiva. É, portanto, ele que produz o seu discurso sem mais ocupar a posição de ser um Outro (KILOMBA, 2019) subjugado por uma dinâmica colonial. Absorvemos essa ideia ao trabalho desenvolvendo a mesma compreensão que Kilomba:

Parece, portanto, que o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como a/o “Outra/o”, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum. (KILOMBA, 2019, p.40)

A autora Grada Kilomba (2019) também argumenta que a percepção sobre esse Outro revela, na verdade, uma projeção sobre o que esse mundo branco identifica sobre negritude e ser negro. E isso também significa dizer que a identidade desse sujeito negro atende um imaginário branco que teme reconhecer em si aspectos negativos que direciona a esse Outro apelando sempre a lógica da colonialidade. Entender a explicação sobre esse Outro nos conduzirá a articular que dentro desse regime de visibilidade, a vivência negra não possui sua autonomia e que essa existência evidencia um não-lugar. Certamente, a busca por uma representação positiva também pode ser interpretada como modo de responder às demandas que foram sugeridas pelas imagens

criadas (e não criadas) sobre o povo negro brasileiro, ficando evidente que outras verdades históricas precisam ser escritas.

De forma concreta, a experiência negra analisada a partir desse exemplo da cantora carioca, tenta também recuperar uma autoestima nacional que diretamente possa validar as dinâmicas políticas e culturais que estruturam esse país. Ao enquadrar a população negra em uma vivência violenta e subalternizada, a produção de imagem feita por essa supremacia branca aprisionou o olhar sobre essas pessoas em uma oposição do real e do representado.

A importância desse olhar diz muito quando lembramos que essa prerrogativa sempre foi enviesada pelo racismo. Essa prática de opressão, que colocou esse grupo à margem, é ainda hoje a justificativa pela qual se normalizou a violência física e simbólica direcionada a pessoas pretas em diferentes segmentos sociais. Esse lugar de sujeito agente, munido de poder e autorizado a falar sobre si é pouco acessado por esse grupo. O professor Silvio Almeida (2021) nos lembra ainda que:

Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista. Se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito, se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos, é de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos (ALMEIDA, 2021, p.68)

Finalmente, se considera de grande relevância conseguir avaliar esse corpo preto, ainda que impactado por muitos atravessamentos sociais, dentro de uma dinâmica substancial de visibilidade e reconstrução de valor simbólico e visual. São outras formas de resistência que vão entregar a esse indivíduo dignidade e ressignificação do imaginário coletivo.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Editora Jandaíra, 2021. 152p (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro).

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

AMARAL, Adriana; POLIVANOV, Beatriz; SOARES, Thiago. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.41, n.1, pp.63-79, 2018.

AMARAL, Gabriel. Jojo Todynho atola fio-dental, vira de costas e rebola com parte íntima gigante explodindo pra fora. **Portal TV Foco**, 1º de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/jojo-todynho-atola-fio-dental-vira-de-costas-e-rebola-com-tudo>. Acesso em: 10 de set. 2022.

ARIOLI, Victor. A Fazenda 12: Com raiva, Jojo quebra utensílio e esbraveja contra peão: “Falso do car****”. **Portal Área Vip**, 30 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.areavip.com.br/a-fazenda-12/a-fazenda-12-com-raiva-jojo-quebra-utensilio-e-esbraveja-contra-peao-falso-do-car/>. Acesso em: 10 de set. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DE BODY fio-dental e meia arrastão rasgada, Jojo Todynho exhibe bumbum gigante e impressiona. **Portal Caras**, 14 de maio de 2020. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/musica/de-body-fio-dental-e-meia-arrastao-rasgada-jojo-todynho-exibe-bumbum-gigante-e-impressiona.phtml>>. Acesso em: 09 de set. de 2022.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Ccorpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-do-outro-construc3a7c3b5es-raciais-e-imagens-de-controle-do-corpo-feminino-negro-o-caso-da-venus-hotentote-janaina_damasceno.pdf. Acesso em: 08 de set. de 2022.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-3, pp. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**; tradução de Stephanie Borges. São Paulo, Elefante; 356p. 2019.

JOJO MARONTTINI. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jojo_Maronttini&oldid=67117892. Acesso em: 10 set. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAIXÃO-ROCHA, Pedro; SIMÕES, Paula Guimarães. A celebridade é política? Movimentos de politização e despolitização entre Anitta e seus públicos. **Revista ECO-Pós**, v.24, n.2, pp. 201-225, 2021.

PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Revista Contemporânea**, v.10, n.3, pp.574-596, 2012.

SILVA, Claudielle Pavão da. Fora do compasso: estereótipos sobre as passistas na imprensa do Rio de Janeiro dos anos 1980. **Portal Geledes**, 29 de setembro de 2021. Acesso em: <https://www.geledes.org.br/fora-do-compasso-estereotipos-sobre-as-passistas-na-imprensa-do-rio-de-janeiro-dos-anos-1980/>. Acesso em: 10 de set. 2022.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CARRERA, Fernanda; FONTES, Flávia da S. Que corpo é esse? Analisando as narrativas e as performances midiáticas fabricadas em torno de Jojo Todynho. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 20, pp. 98-115, 2023.